

O HOMEM MAIS SOLITÁRIO DO MUNDO

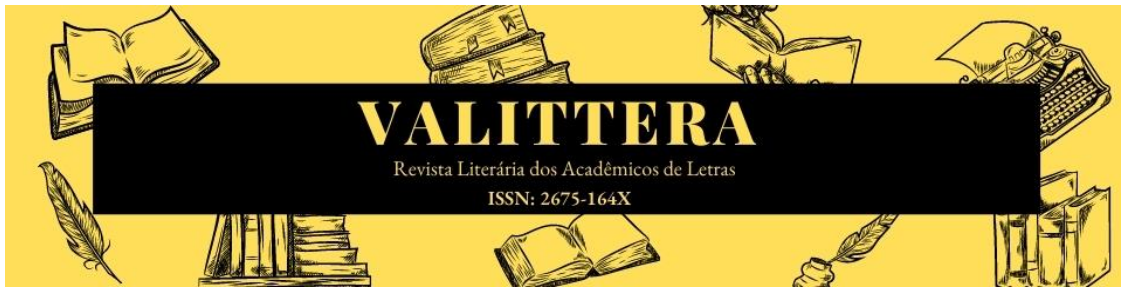
Klausney Muniz Sampaio¹

No primeiro dia em que um vírus noticiou a piora do mundo, João acordou de um pesadelo para despencar em outro. Despencou devagar, depois forte, e quando ligou a tevê também colocou um *play* na lembrança do sonho contando que ele nasceu para ser o homem mais solitário do mundo. João não ia ser João quando nasceu; os Outros diziam que o melhor nome pra certidão era Zé Ninguém, mas a mãe, teimosa que era, disse que o filho não ia brotar no lixão. João ia ser flor que brota no asfalto, que rompe do anonimato para provar que Drummond estava certo o tempo todo, todo o tempo.

Mas o Zé... Ops! o João descobriu que o mundo aqui fora maltrata e pisa com a sola imunda do sapato gigante na flor que insiste em desabrochar, que se for preciso calça a raiz com solas firmes para não esturricar o calcanhar. João comeu adubo, bebeu água de nuvem e da boca de regador surrado, mas até hoje reconhece que não vale a pena tentar não ser o homem mais solitário do mundo quando o acaso diz o contrário ou quando a boca dEla (contração com E maiúsculo para enfatizar que até no pronome a moça sabe ser nome próprio) regava de fogo o seu botão e as folhinhas secas de lugar-deserto-sozinho.

Depois do primeiro dia em que um vírus castrou o jardim do homem mais solitário do mundo e de seus vizinhos com milhares de seguidores, João aproveitou para beber água da boca de quem já não tinha mais boca nem pele nem dedo nem cabeça nem roupa nem jardim. Se tivesse pelo menos uma dessas coisas para visitá-lo, a mãe teria orgulho do

¹ E-mail: klausneymuniz@hotmail.com



cemitério particular que ele fundou na parede e no teto do cômodo mais escuro e silencioso da casa. Clarice, Machado, Guimarães Rosa, Rubem Fonseca... quase todo dia ele depositava uma flor na brochura de todos esses e das multidões que as reticências e o mofo apagaram.

Além de pior, o homenzinho sabia ser engenheiro, coveiro, sonhador e muitas outras coisas. Certa manhã, ao acordar de sonos intranquilos, encontrava-se em sua cama metamorfoseado numa traça².

Agora ia aprender a rastejar em tinta e celulose.

Descanse em paz, Mr. Kafka.

² Referência à obra intitulada “Metamorfose”, de Franz Kafka, publicada pela primeira vez em 1915.